

“Tocai a trombeta entre as nações”: Dia do Evangélico e a construção de uma cultura pública evangélica

“Blow the trumpet among the nations”: the Day of the Evangelicals and the construction of a evangelical public culture

*Frank Antonio Mezzomo*¹
*Cristina Satiê de Oliveira Pátaro*²
*Lara Pazinato Nascimento*³
*Lucas Alves da Silva*⁴
*Brandon Lopes dos Anjos*⁵

Resumo

Este artigo analisa o “Dia do Evangélico”, evento realizado em Campo Mourão (PR), problematizando como grupos evangélicos têm se articulado para se inserir como integrantes e constituintes da cultura pública brasileira. Por meio de levantamento da observação do evento e da coleta de materiais como fotos, anotações em diário de campo, gravações de áudio dos discursos dos ministrantes, além da realização de entrevistas com participantes no decorrer da programação festiva, foi possível perceber elementos que compõem estratégias e *modus operandi* de evangélicos para garantir reconhecimento no espaço público. Percebemos que o processo de secularização dos espaços públicos, tal como foi pensado a partir do ideal republicano, vem assumindo outras características no solo brasileiro, no qual a religião está presente e ganha legitimidade no cenário público.

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão, atuando nos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), História Pública (PPGHP) e Mestrado Profissional em Ensino de História. E-mail: frankmezzomo@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão, atuando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) e do Mestrado em História Pública (PPGHP). E-mail: crispataro@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão. E-mail: larapazinato@gmail.com

⁴ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD/UNESPAR). Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: lucas.as137@gmail.com

⁵ Graduando em História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq). E-mail: brandon.njos@gmail.com

Palavras-chave: Religião; Espaço público; Evangélicos; Dia do Evangélico; Identidade religiosa.

Abstract

This article analyses the “Day of the Evangelicals”, an event held in Campo Mourão (PR), problematising how evangelical groups have been articulating themselves to become recognised as members and constituents of Brazilian public culture. Through the observation of the event, the collecting of materials such as photos, notes in a field diary, audio recordings of the speeches of the preachers, and interviews with participants of the celebration, it was possible to perceive elements that are part of the strategies and the *modus operandi* of evangelicals to ensure recognition in the public space. We note that the process of secularisation of public spaces, as it was thought from the republican ideal, has been assuming other characteristics in the Brazilian soil, in which religion is present and gain legitimacy in the public scene.

Keywords: Religion; Public space; Evangelicals; Day of the Evangelicals; Religious identity.

Introdução

“O Brasil passa por um momento difícil e temos que orar pelas nossas autoridades. Vamos pregar a Palavra, mostrando que Jesus cura, batiza e transforma a vidas das pessoas em novas criaturas” (BONETE, 2017), afirmou Ronaldo Medeiros, pastor da Igreja Assembleia de Deus (AD). Com essa fala, o pastor procurou apontar a relevância do “Dia do Evangélico”, evento realizado em Campo Mourão (PR) desde 2014, e instituído no calendário oficial do município por meio do Projeto de Lei 168/2013, proposto por Edilson Martins, vereador vinculado à AD. A comemoração apresenta *shows* e pregações realizados na Praça São José, objetivando fazer “soar as trombetas entre as nações”, levando sua cosmovisão para o espaço público como meio de conquistar novos fiéis e influência nas relações de poder, a fim de transformar a sociedade na qual os evangélicos estão inseridos. Deste modo, esta pesquisa procura analisar a edição do evento realizada em 11 de novembro de 2017, com o objetivo de investigar como os grupos evangélicos têm se articulado para se inserir como integrantes e constituintes da cultura e sociedade brasileira. Consideramos que

essa celebração pode ser entendida como expressão de um movimento pentecostal que busca constituir e difundir uma cultura pública em um cenário nacional marcado por suas raízes no catolicismo, no qual os evangélicos buscam constantemente firmar sua presença e seus valores (GIUMBELLI, 2014).

Os evangélicos de vertente histórica – protestantismo de missão – se estabeleceram no Brasil em meados do século XIX, atuando com ênfase na área da educação e assistência social, embora apresentassem certa indiferença à política institucional. Em parte, esse posicionamento pode ser explicado considerando a visão escatológica dessas denominações, preocupadas em articular sua participação na sociedade em prol da pregação do evangelho para “salvação de almas”, abstendo-se dos “assuntos mundanos” e se preparando para a “pátria vindoura” (GUADALUPE, 2018; CAMPOS, 2013). Contudo, a partir da década de 1980, os evangélicos – principalmente pentecostais e neopentecostais – ganharam destaque no cenário nacional, sobretudo via inserção na política formal, mas também na publicização de elementos religiosos por meio das mídias, passeatas e monumentos, a fim de granjear posições, ocupar cargos e difundir uma cultura pública evangélica (GIUMBELLI, 2014).

Ainda que atuantes durante o governo militar após o golpe de 1964 – seja apoiando ou apresentando resistência –, foi a partir da Assembleia Nacional Constituinte de 1987 que esses segmentos cristãos se mostraram declaradamente presentes na política do país, ocasião em que percebemos as primeiras articulações do que hoje conhecemos como Bancada Evangélica no Brasil. Naquele momento, a Bancada se constituiu principalmente para combater uma possível tentativa da Igreja Católica de se firmar novamente como religião oficial do Estado, além de se posicionar contra movimentos liderados por setores laicos da sociedade, que buscavam, no campo jurídico, reivindicar pautas em torno da cidadania e dos direitos humanos (CUNHA, 2017). A partir de então, notamos um aumento gradual do número de evangélicos na política e, paralelamente, também o aumento do número de fiéis entre a população brasileira, que passou

de 6,6% em 1980, para 15,4% em 2000, 22,2% em 2010, 26% em 2014 e 31% em 2020 (IBGE, 2010; PRC, 2014; BALLOUSSIER, 2020).

Este aumento numérico dos evangélicos é catapultado, sobretudo, pelos grupos religiosos pentecostais, os quais apresentam, nos últimos anos, destacada atividade na política nacional brasileira. Dentre as igrejas pentecostais com maior intensidade e visibilidade de atuação no cenário público, a despeito de certa imprecisão conceitual em classificá-los, podemos mencionar a Igreja Assembleia de Deus (AD), a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Renascer em Cristo (IRC) e a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), cuja articulação e interesse tem demonstrado êxito e diálogos em espaços secularizados (CARREIRO, 2017; ROSA, 2019; MEZZOMO; PÁTARO; PINHEIRO, 2019).

No Brasil, com a presença cada vez mais frequente dos religiosos no espaço público e político, e com os arranjos que surgiram por conta destes novos sujeitos, a laicidade estatal passa a receber novas nuances e tomar novas formas plurais. Com isso, percebe-se que a separação entre Religião e Estado não ocorreu de uma forma simples e homogênea, na qual o segundo possui plena autonomia, primazia e neutralidade em relação ao primeiro, constituindo exemplo de um modelo ideal que deveria ser adotado por todos os regimes políticos. A laicidade tem assumido diversos sentidos e modalidades nos Estados modernos, devido a diferentes relações estabelecidas com as instituições religiosas. O ideal de secularização, estritamente ligado ao princípio da laicidade jurídica do Estado, atinge a sociedade de maneira geral, em um processo de autonomia em relação às instituições religiosas, embora atue com intensidades diferentes sob os variados âmbitos sociais. Assim, discursos e ações sobre o lugar do religioso no espaço público são mobilizados por agentes religiosos e laicos, em perspectivas por vezes excludentes e opostas, mas também em acordos, alianças e negociações entre os dois grupos, o que parece tornar infrutífero o esforço de enquadrar a laicidade em um dualismo entre soberania e neutralidade do Estado, e ações

religiosas de proselitismo e confessionalização da esfera pública (HERVIEU-LÈGER, 2015; CAMURÇA, 2017; MONTERO, 2013).

Com isso, em um país marcadamente cristão como é o Brasil, o processo de secularização foi acompanhado pela presença ativa das instituições religiosas, tanto pelo histórico de ligação entre Estado e Igreja Católica, como pela atuação das diversas denominações religiosas, possibilitada no país a partir da Constituição republicana que garantiu o direito à liberdade religiosa e à pluralidade de crença e de culto. Em contextos de pluralização religiosa, as religiões minoritárias buscam garantir seus direitos à liberdade de culto e de crença para atuarem publicamente. Nessa arena, católicos e evangélicos têm se organizado e mobilizado politicamente para intervir “a respeito do lugar e do papel da religião, da laicidade estatal, dos direitos humanos, sociais, sexuais e reprodutivos das minorias” (MARIANO, 2011, p. 238), publicizando suas referências e buscando conquistar influência no espaço público. Sobre esta questão, Pierucci (2012, p. 88) aponta que “nunca os profissionais religiosos se sentiram tão livres e à vontade como agora para lutar entre si por todos os meios e a toda hora a fim de assegurar a reprodução ampliada de sua fé”. Esta liberdade tem afetado diferentes campos da sociedade, como a política, a economia, a cultura, e vem reconfigurando a dinâmica de espaços considerados secularizados.

Ainda que a liberdade para expressão religiosa esteja afirmada na Constituição Federal, historicamente, é possível perceber que a forte influência e presença da Igreja Católica no corpo social. Essa naturalidade da presença católica no cotidiano tem gerado, já há algum tempo, discussões tanto com setores laicos da sociedade como por parte das outras religiões que se consideram marginalizadas por tal conjuntura. Com o aumento da população evangélica, surgem também modificações nas relações sociais e na ocupação dos espaços públicos, nos quais os grupos evangélicos buscam se introduzir para que possam se firmar como membros pertencentes e atuantes da sociedade brasileira,

trazendo visibilidade para seus valores e práticas em uma articulação que Giumbelli (2014) chama de cultura pública. Na esteira dessa ideia, Maia (2006) afirma que há uma tentativa dos evangélicos de conquistar espaços para além dos templos.

Um dos mecanismos utilizados há tempos por diferentes religiões para se firmarem na esfera pública, para além da inserção no campo da política – mais visível e onde, talvez, percebe-se a intensidade dos debates –, tem sido a instituição de feriados e datas comemorativas no calendário oficial, seja no âmbito nacional, estadual ou municipal, que funcionam como uma forma de se estabelecerem em determinada cultura. Ordenar o tempo por meio de medida é um fator essencial para que o homem controle o universo, o que torna o calendário um dos grandes símbolos e instrumentos do poder (LE GOFF, 1990). Como um dos maiores exemplos da busca por inserção evangélica na sociedade por meio de datas comemorativas em calendários oficiais, podemos citar a “Marcha para Jesus”, que ocorre ao redor de todo o mundo e começou a ser realizada no Brasil em 1993, na cidade de São Paulo, como iniciativa da Igreja Renascer em Cristo. Em 2009, por meio da Lei Federal n. 12.025, é instituído o “Dia Nacional da Marcha para Jesus” e, atualmente, o evento vem ocorrendo em vários locais do país, na qual uma gama de denominações evangélicas se une para reivindicar, “para Jesus”, o município em que estão instalados (SANT’ANA, 2014; GIUMBELLI, 2014). Ainda, sancionada em 2016 pela então presidente, Dilma Rousseff, a Lei Federal n. 13.246 institui o dia 31 de outubro de cada ano como “Dia Nacional da Proclamação do Evangelho”, data em que é comemorada, no calendário dos protestantes históricos, o marco inicial da Reforma Protestante. Concomitantemente, no mesmo dia, também é comemorado o Dia do Saci Pererê, embora os dois Projetos de Lei, propostos em 2003 (PL 2479/2003 e PL 2762/2003), que tramitam em nível nacional para estabelecer essa festividade em calendário nacional ainda não tenham alcançado aprovação (ROSA, 2019).

De forma similar, temos o “Dia do Evangélico”, comemorado anualmente no segundo sábado do mês de novembro no município de Campo Mourão, Paraná. A data foi instituída em 2013 por meio do Projeto de Lei Municipal n. 168/2013, proposto pelo vereador Edilson Martins, que possui vinculação religiosa com a Igreja Assembleia de Deus (AD), eleito nos pleitos de 2012 e 2016 com o apoio oficial da denominação. O projeto foi aceito por unanimidade pelos demais membros do legislativo municipal, configurando como principais argumentos apresentados pelo vereador proponente o aumento do número de evangélicos no Brasil, a importância do trabalho realizado por esse grupo no município – levando a uma interpretação de homogeneidade na conduta dos envolvidos –, e a evangelização como caminho para uma vida melhor (MEZZOMO; PÁTARO; PINHEIRO, 2019). A data, longe de ser ideia exclusiva de Campo Mourão, dispõe de uma série de Projetos de Lei em diversos municípios brasileiros, como também Lei sancionada a nível nacional (Lei n. 12.328/2010).

Campo Mourão, com pouco mais que 90 mil habitantes, é considerado município polo da Mesorregião Centro-Ocidental do Paraná, que é composta por 25 municípios e por aproximadamente 328.000 pessoas (IPARDES, 2019), com destaque para seu número de habitantes e grau de urbanização e industrialização, em uma região tradicionalmente marcada por suas raízes rurais. A população evangélica do município corresponde a 23,8% da população, e a 69,4% de católicos, ambos indicadores acima da média nacional (IBGE, 2010).

Considerando o contexto apresentado, analisamos a edição do “Dia do Evangélico” realizada em 11 de novembro de 2017, que teve como principais atrações *show* de música gospel, pregação de pastores de diferentes denominações, e sessão de cura e libertação. O levantamento de dados – realizado com apoio dos integrantes do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná – consistiu na observação do evento, assim como a coleta de materiais como fotos, anotações em diário de campo,

gravações de áudio dos discursos dos líderes das igrejas, demais pregadores e grupos gospel presentes na ocasião, além da realização de entrevistas com alguns participantes no decorrer da programação festiva. A entrevista semiestruturada continha perguntas acerca do perfil etário dos participantes, de qual município/região eram oriundos, o pertencimento religioso, quais motivações para a participação, o que esperavam do evento e se já haviam participado em edições anteriores.

Por meio dos materiais coletados e de pesquisas já produzidas sobre a temática da religião e sua imbricação com a política, tal como a participação e presença dos evangélicos em diversas áreas do cenário brasileiro, as análises aqui realizadas podem contribuir para se pensar nas novas configurações sociais que se apresentam a partir da relação entre religião e espaço público. Ainda, permite ponderar sobre a afirmação de Montero (2006, p. 49), de que “Estados seculares não tem como decorrência necessária e mecânica a privatização da religião na esfera doméstica”, questão que podemos verificar nos desdobramentos do caso da laicidade brasileira, e que procuramos problematizar na sequência.

Adentrando o espaço público

O evento em comemoração ao “Dia do Evangélico”, iniciado por volta das 20h, teve como palco o caminhão “O Mensageiro”, pertencente à equipe homônima⁶, vinculada ao Departamento de Evangelismo e Missões da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campo Mourão (DEMADECAM). Nele foram realizadas pregações de pastores pertencentes a denominações distintas, sessão de cura e libertação, *show* gospel da Banda Gênesis e participação do grupo de canto Ebenézer. A maioria dos participantes pertencia à Igreja Assembleia de Deus, assim como da Igreja Palavras que Curam (IPC), coprodutora do evento.

⁶ A equipe “O Mensageiro” tem como objetivo principal “levar a palavra de Deus, através da Evangelização por intermédio da música e da palavra pregada em locais tais como, ruas, praças e outros, onde for necessário levar o Evangelho que salva, liberta, cura, batiza com Espírito Santo”. Informações disponíveis em: <<http://bit.ly/2OV7BiN>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

O elevado número de fiéis da AD presentes se deu pelo fato de terem sido os principais protagonistas para a criação do evento, denominação da qual o vereador Edilson Martins, que propôs a data, é membro. Pudemos identificar a participação de pessoas oriundas de 12 municípios da região, tais como, Campo Mourão, Juranda, Ubitatã, Altamira do Paraná, Nova Cantu, Roncador, Iretama, Nova Tebas, Corumbataí do Sul, Luiziana, Mamborê, Janiópolis e Boa Esperança. Os entrevistados que não eram habitantes de Campo Mourão, em sua maioria, diziam ter se locomovido até o local por meio de caravanas organizadas pelas igrejas locais.

Se até décadas atrás os evangélicos se mostravam como grupos religiosos um tanto tímidos, realizando suas celebrações e eventos na maioria das vezes de forma reservada aos seus templos, hoje percebemos um caminho diferente. Há uma busca cada vez maior, principalmente por parte das denominações pentecostais, por mediatizar as ações evangélicas para as grandes massas, disseminar referências e cosmovisões por meio de performances, e ocupar cada vez mais o espaço público (MARIANO, 2004; MARTINO, 2012; ROSAS, 2015). Ao mencionarmos espaço público, entendemos como sendo o lugar da visibilidade, onde aquele que fala possui significativo alcance de expressão, podendo ser visto e ouvido por todos (ARENDDT, 2007).

Realizado em um espaço público, observamos no evento uma tentativa de apresentar os evangélicos como um grupo homogêneo, o que se dá desde o nome da data, que traz o termo “evangélico” no singular, e do projeto de lei que a estabeleceu, no qual as condutas desses segmentos cristãos no município de Campo Mourão são trazidas de modo a serem lidas como em total consonância (MEZZOMO; PÁTARO; PINHEIRO, 2019). Nesse sentido, em fala inicial na abertura da comemoração, o Pastor Enéas Anunciação dos Santos, da Assembleia de Deus de Campo Mourão e membro da equipe “O Mensageiro”, diz aos fiéis de distintas denominações que “esse é o nosso dia”. Ao logo do evento, o “Dia do Evangélico” continuou a ser chamado pelos pregadores de diferentes

segmentos religiosos, como “nosso”, resultando em uma generalização vinda dos próprios evangélicos que são, em realidade, grupos plurais que comportam perspectivas de diferentes níveis de discrepância (CUNHA; LOPES; LUI, 2017).

De forma análoga, Pastor Toninho, da IPC, também diz que ele e demais pastores do município estão deixando de lado as placas denominacionais e orando juntos, pois, segundo ele, os cristãos devem se unir, e apresenta os motivos para essa união: “o nome do Senhor Jesus, a obra do Senhor, o ganhar almas, o servir a Deus”. Embora sejam apontadas somente justificativas voltadas para a fé, essa união proporcionaria também maiores chances de alcançar visibilidade em um espaço profundamente marcado pelo catolicismo que, apesar de ser constituído por variados movimentos, é mais comumente visto como homogêneo e dominante (SOUZA, 2004). De tal modo, a constituição de uma identidade evangélica unificada, voltada para interesses e tendências equivalentes, resultaria em um grupo fortalecido para lutar por objetivos similares, além de proporcionar uma compreensão mais simples por parte da sociedade do que é ser evangélico e, conseqüentemente, uma inserção mais estável no cenário brasileiro.

Uma evidência da naturalidade da presença do catolicismo enraizada em nossa sociedade, que consiste em um dos fatores que levam os evangélicos a se colocarem como um grupo homogêneo para obter maior visibilidade e constituir uma cultura pública, é o próprio local de realização do “Dia do Evangélico”. Descrito por Pastor Enéas aos fiéis como “uma praça aconchegante para nós louvarmos ao Senhor”, o ambiente se trata de uma praça pública onde se encontra a Catedral São José, que em 2009 recebeu o título de símbolo de Campo Mourão e é uma das maiores representações da presença e do poder católico na cidade (ARAÚJO, 2019). O fato de a celebração ter sido realizada neste local específico possibilita percepção visual dessa tentativa dos evangélicos de inserção na cultura nacional predominantemente católica, com a catedral se erguendo ao fundo do palco em que um pastor faz a pregação (Imagem 1). É

importante ressaltar que, coincidentemente ou não, o evento evangélico só teve início após a missa realizada na Catedral São José ter sido encerrada e seus participantes terem se dispersado. Essa atitude pode ser lida como um ato de tolerância em meio a essa rivalidade e disputa por espaço entre vertentes do cristianismo, em que não apenas se apresenta o respeito pela crença do outro, como se espera que tal respeito seja recíproco.



Imagem 1: Celebração do “Dia do Evangélico”

Fonte: Site da IEADCM (2017)⁷.

Deste modo, no momento da comemoração evangélica, a praça nomeada em homenagem a um santo católico torna-se um lugar de busca por voz e legitimidade já que, segundo Arendt, na esfera pública “só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado” (ARENDR, 2007, p. 61). Embora seja nítida essa busca por relevância, é perceptível um discurso em torno da ideia de que o “Dia do Evangélico” existe não por necessidade de reconhecimento e afirmação

⁷ Essas e outras fotos do evento estão disponíveis em: <http://adcampomourao.com.br/foto/dia-do-evangelico-11112017/>. Acesso em: 13 set. 2020.

perante a sociedade, mas pela pura adoração a Deus, como é possível observar por meio da fala transcrita a seguir:

Eu estava orando e refletindo sobre o que é, na verdade, o “Dia do Evangélico”. A gente não quer pedir um feriado nacional, não precisamos disso [...]. Nós não precisamos que alguém tenha que nos reconhecer. Não é isso. Existe o “Dia do Evangélico” porque, um dia, eu e você [...] aceitamos a Jesus como senhor e salvador da nossa alma. [...] nós estamos aqui, eu e você, levantando mãos santas em uma praça pública, para declarar o senhorio de Jesus sobre a nossa vida (PASTOR TONINHO MACHADO, Caderno de campo, 11 de novembro de 2017).

Tal relutância em assumir a tentativa de constituição de uma cultura pública evangélica por meio de mecanismos como uma data comemorativa em calendários oficiais do Estado, pode ser um indicativo da consciência que admitir tal intenção, seria também concordar que este grupo é menos reconhecido e tido como menos relevante em nossa sociedade. Em um jogo no qual se concorre tanto por espaço quanto por seguidores, em um cenário de pluralidade religiosa, a esfera pública “funcionaria como um palco no qual atores e coisas disputam a sedução dos consumidores” (MONTERO, 2009, p. 7), de tal modo que deixar explícita essa “fraqueza” poderia comprometer o interesse tanto dos atuais quanto dos possíveis futuros fiéis.

De fato, a disputa por seguidores e a efervescência de religiosidades que se desencadeia no cenário atual do país, é possível graças à liberdade religiosa (PIERUCCI, 2012). Tal direito, estabelecido na Constituição Federal desde 1891 à toda a sociedade brasileira, é reafirmado pela Banda Gênesis em seu discurso ao dizer ao público que “sinta-se livre, porque nós estamos aqui na presença de Deus, livres para adorar o nome Dele”, assim como o Pastor Enéas alega que os fiéis “não precisam ficar com medo, hoje é o nosso dia”. Desta forma, notamos que, para os grupos evangélicos, a ideia de liberdade religiosa torna-se importante para que tanto os fiéis quanto a comunidade de forma geral tomem consciência de que possuem o direito de exercer suas crenças e costumes publicamente.

Em outro momento de sua fala, o Pastor Enéas diz aos presentes que “a gente tem que estar com a cara na vitrine”, mostrando que a atuação evangélica no meio público, por muito tempo estigmatizada e marginalizada devido à presença dominante do catolicismo, agora demonstra uma nova postura perante a sociedade. “Estar com a cara na vitrine” pode ser entendido tanto como um incentivo à evangelização do restante da população em todo e qualquer lugar, como também um pedido para que os fiéis não restrinjam sua religiosidade ao ambiente privado, mas que a demonstrem também em outros ambientes, passando a se fundir à cultura do país e se estabelecer como parte integrante da sociedade.

Os participantes do “Dia do Evangélico”

Boa parte dos participantes entrevistados ficou sabendo do evento por meio de convites realizados pelos pastores durante os cultos e pela divulgação feita via *Facebook*. Destacamos aqui o uso das mídias sociais, que para Meyer é entendido como um dos motivos principais da manutenção da força da religião em meio à sociedade contemporânea. Deste modo, a utilização de modernos meios de comunicação é um exemplo de transformação religiosa que visa mobilizar e conectar pessoas (MEYER, 2015). Neste sentido, Hervieu-Lèger (2015, p. 57) afirma que “em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança”. A introdução de novas tecnologias para uso das igrejas deve ser interpretada como uma forma de manter atual a presença religiosa na sociedade, sem alterar as bases que fundamentam a religião, imiscuindo-se ao cotidiano e à vida das pessoas.

Observamos que os participantes do evento, em sua maioria, estavam acompanhados por familiares ou amigos, o que demonstra como a religiosidade é um fator presente nos relacionamentos interpessoais desses indivíduos e, em muitos casos, a igreja é o principal espaço de socialização. Neste sentido, a religião busca criar laços de pertencimento não tendo como base a tradição

histórica, mas experiências e sentimentos criados no presente, em que o apelo às emoções é amplamente acionado e oferecido aos fiéis com o intuito de criar um sentido de unidade e comunidade (HERVIEU-LÈGER, 1997).

Uma destas tentativas de se criar a ideia de identidade e pertencimento pode ser percebida com os círculos existentes no interior das religiões como, por exemplo, os grupos de jovens. No “Dia do Evangélico” ocorrido em 2017, estavam presentes muitos jovens, boa parte vestidos com camisetas do grupo (Imagem 2), que, segundo alguns entrevistados, pertence à AD, e que estão presentes em diversos municípios da região de Campo Mourão, com o nome de União da Mocidade da Assembleia de Deus de Campo Mourão (UMADDECAM). Uma das entrevistadas que pertence ao grupo disse que o referido movimento promove eventos, como louvores e gincanas, voltados para o público jovem de toda a região, e que vem reunindo um significativo número de participantes. Estes eventos são também uma forma de garantir o engajamento dos fiéis, neste caso a juventude, e oferecer espaços para que relações sejam criadas e fortalecidas, tornando a igreja um espaço de convivência e mais uma vez de sociabilidades. A criação de tais laços pessoais faz com que a igreja seja não somente um local de expressão da fé, de oração e contato com o sagrado, mas também que se desenvolva ao seu entorno uma cultura própria, que permite que pessoas se conheçam e se identifiquem.



Imagem 2: Fiéis com a camiseta do grupo de jovens UMADECAM e demais participantes
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder⁸.

Durante o show de abertura do “Dia do Evangélico”, performado pela Banda Gênesis, eram os jovens os mais empolgados: foram convidados a se aproximar do palco, e cantavam as músicas em uníssono, mostrando-se bastante emocionados. De acordo com Pinto (2001, p. 223), a “música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade”, de forma que funciona como um mecanismo de engajamento, possibilitando não apenas animação na prática religiosa, mas também identificação, principalmente entre jovens evangélicos, com demais indivíduos que partilham dos gostos e valores publicizados, resultando em um sentimento de pertencimento. A música gospel exerce importante papel na produção de uma cultura evangélica, considerando sua capilaridade, capaz de avançar para além dos templos religiosos, em parte pela introdução e adaptação de ritmos seculares – ditos “mundanos”, em um processo de “sacralização do

⁸ O Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), vem desenvolvendo, a mais de uma década, pesquisas sobre múltiplas inserções religiosas no espaço público. Parte de seu acervo documental e produção científica está disponível em: <http://culturaepoder.unespar.edu.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

profano” –, as composições baseadas em conquistas pessoais, curas, milagres e/ou relações intimistas entre o fiel e o sagrado (CUNHA, 2007; CAMURÇA, 2009; AGUIAR, 2020).

Esses momentos de entretenimento, unidos às práticas religiosas, é atrativo à população desprovida de recursos, com poucas possibilidades de financiar formas de lazer. O show pode resultar por atrair os não-evangélicos que, embora não tenham interesse na religião, sintam-se cativados pela música que, desta forma, pode ser uma porta de entrada para a conversão. De fato, a música gospel constitui um mercado de consumidores que não necessariamente se identificam como evangélicos, mas que tendem a associar o gênero musical a eles, resultando em uma maior visibilidade desses grupos, e contribuindo para o estabelecimento de uma cultura pública (SANT’ANA, 2014; GIUMBELLI, 2014). Esse esforço está fundamentado no objetivo de transformar os espaços seculares (ou “mundanos”) por meio das influências evangélicas – com destaque para a música –, a fim de produzir e difundir uma “Cultura do Reino”, fundamentada na Teologia do Domínio/Teologia do Reino, avançando no campo de disputa para a conquista e ressignificação da cultura laica (ROSAS, 2015; AGUIAR, 2020).

Quando questionamos os fiéis sobre o que esperavam do evento, praticamente todos deram respostas relacionadas à sua busca por Deus, a estar ali para adorá-lo e ouvir a pregação do evangelho, como mostra o comentário de um dos entrevistados, de 22 anos: “não espero nada, espero eu aqui adorando a Deus, só”. Outra entrevistada, de 34 anos, falou sobre a importância do evento para levar o evangelho a outras pessoas: “é preciso proclamar o evangelho neste mundo que anda tão complicado”, completando com: “é fácil ser cristão dentro da igreja”, uma frase muito utilizada pelos pentecostais ao se referir à dificuldade que parte dos membros tem em sair dos rituais habituais para evangelizar.

Podemos, com isso, notar que a comemoração também é vista como uma forma de conquistar novos fiéis, e não apenas de celebrar aqueles que estão inseridos nesse meio religioso. É possível relacionar a resposta da entrevista com

um trecho da fala de um dos pastores no “Dia do Evangélico”, ao alegar que “não tem esse negócio de crente viver no mundo. Crente que é crente vive para o Senhor”. Ao tomar esta posição, os “crentes”, como o pastor coloca, devem tornar-se também evangelizadores, e suas vidas devem ser transformadas em função da obra religiosa.

Quanto ao uso das mídias, percebemos ainda uma disputa própria do mercado religioso que se formou no Brasil, principalmente quando se trata de canais de rádio e televisão, e que se estende também ao espaço público. Montero (2009, p. 7) alega que “a possibilidade de sucesso de uma religião dependeria de sua capacidade de tornar-se espetáculo e de chamar atenção da mídia”. Com isso, a midiatização religiosa evangélica passa a ser um elemento essencial para sua inserção e manutenção no interior da sociedade, uma via de acesso à população e a conquista de fiéis, e conseqüentemente uma ferramenta de constituição destas religiões enquanto cultura nacional.

Considerações finais

As análises de vários aspectos relacionados ao evento em comemoração ao “Dia do Evangélico” de Campo Mourão permitiram uma série de reflexões e percepções sobre como os evangélicos têm se articulado para garantir espaço e reconhecimento no cenário público. Com o intuito de analisar as articulações evangélicas no processo de busca por reconhecimento e pertencimento na sociedade brasileira, por meio da constituição de uma cultura pública, notamos como algumas ações, como a instituição de uma data comemorativa e promoção de performances na arena pública podem ser carregadas de significados que muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhos.

A presença religiosa no cenário público é uma tendência que segue crescendo no Brasil. Os embates pela presença e legitimidade de diversas denominações religiosas no meio social delinearão uma disputa própria de um mercado religioso que tem atingido a população de um modo geral, e não apenas os seguidores de determinadas denominações. Ao construir um evento como o analisado neste artigo, realizado em praça pública, com *shows* gospel e ministrações carregadas de elementos religiosos, discursos que apontam para a dicotomia igreja/mundo e o “chamado” para influenciar e transformar a sociedade indicam a ambição em difundir essa cultura pública evangélica, que é profundamente belicosa. O uso cada vez mais intenso das mídias sociais, como rádio e televisão, bem como os meios digitais, como o *Facebook*, tem feito com que os conteúdos de cunho religioso adentrem cada vez mais o cotidiano das pessoas e, como podemos inferir, passem a fazer parte dos costumes e formas de sociabilidade.

No que tange ao convívio social, notamos que as práticas e momentos promovidos pelos grupos religiosos de Campo Mourão procuraram integrar seus participantes, não apenas por meio de uma fé compartilhada, mas criando também relações de convívio e unidade. Observamos, nas falas proferidas pelos líderes religiosos presentes, uma busca por unificação do que é ser evangélico, independentemente do pertencimento a distintas denominações, o que pode ser entendido como um meio de fortalecer o grupo e, com isso, ampliar as possibilidades de inserção evangélica na cultura mourãoense.

Assim, o processo de secularização dos espaços públicos, tal como foi pensado a partir do ideal republicano, vêm assumindo outras características no solo brasileiro. A presença das diferentes religiões no cenário nacional, proporcionada pela garantia constitucional da liberdade religiosa, faz pensar o secular como uma nova forma de relação entre religião e espaço público e com o Estado de uma forma geral. O pluralismo religioso brasileiro proporcionado tanto pela liberdade de crença como de culto, além da presença hegemônica do

catolicismo por tantos anos no Brasil, têm modelado há muito tempo a esfera pública. A privatização da religião, prognosticada por certo entendimento da secularização, não afastou a religião do Estado, mas, pelo contrário, permitiu que outras denominações, além da católica, também pudessem buscar se colocar como constituintes de uma cultura nacional.

Por fim, a discussão apresentada é uma janela de entrada a uma ampla problematização, em que há ainda necessidade de avançarmos em estudos que abordem outras faces destas movimentações evangélicas. Ainda, que possam também contribuir para uma melhor compreensão das formas e consequências da emergência de uma cultura pública trazida por esses grupos religiosos. Se outrora predominava entre os evangélicos o jargão “estar no mundo sem ser do mundo”, agora o momento é de “levantar o estandarte na terra e tocar as trombetas entre as nações”, buscando cada vez mais conquistar espaço e influência na esfera pública.

Referências

- AGUIAR, Taylor Pedroso de. Promovendo a “Cultura do Reino”: notas sobre música, religião e cultura a partir de uma juventude evangélica no sul do Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 1, n. 37, p. [s.I], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3j1VOgB>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- ARAÚJO, Eli. Especial Paraná: Campo Mourão. *Romaria Brasil*, 23 de janeiro de 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2NtCUBs>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de S. Paulo*, 13 de janeiro de 2020. Disponível em: <http://bit.ly/38ZZ3jd>. Acesso em: 13 set. 2020.
- BONETE, Clodoaldo. Assembleia de Deus e IPC vão celebrar o Dia do Evangélico. *Tribuna do Interior*, 09 de novembro de 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2Y9ITAR>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e política no Brasil: análise das eleições de 2002 a 2010 para a Câmara Federal. In: PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio (org.). *Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes*. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013. p. 63-102.

- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, p. 855-886, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3hYKLU8>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- CAMURÇA, Marcelo. Tradicionalismo e meio de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009. p. 59-78.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. Sobre a lógica do voto evangélico no Brasil: filiação religiosa e seu impacto na política brasileira. *Século XXI*, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-100, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3kJfdDq>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- CUNHA, Christina Vital da; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna. *Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll; Instituto de Estudos da Religião (ISER), 2017.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium, 2007.
- CUNHA, Magali. Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 3, p. 217-244, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3j0WGSt>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- GIUMBELLI, Emerson. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- GUADALUPE, José Luiz Perez. ¿Políticos evangélicos ou evangélicos políticos? Los nuevos modelos de conquista política de los evangélicos. In: GUADALUPE, José Luiz Perez; GRUNDBERG, Sebastian (Eds.). *Evangélicos y poder en América Latina*. Lima: Instituto de Estudios Social Cristianos; Konrad Adenauer Stiftung, 2018. p. 11-108.
- HERVIEU-LÈGER, Danièle. La transmission religieuse en modernité: éléments pour la construction d'un objet de recherche. *Social Compass*, Thousand Oaks, v. 44, n. 1, p. 131-143, 1997.
- HERVIEU-LÈGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- IBGE. Censo demográfico 2010. *IBGE*, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/2J9TmoF>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- IPARDES. Perfil do Centro Ocidental Paranaense. *IPARDES*, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2DwjC9f>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- LE GOFF, Jacques. Calendário. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 485-533.
- MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006, p. 91-112. Disponível em: <https://bit.ly/3cxXGLt>. Acesso em: 24 ago. 2020.

- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3j3fq3J>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/307Qvoh>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. Mediação e mediação da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: JACKS, Nilda; JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela (org.). *Mediação & mediação*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 219-244.
- MEYER, Birgit. Mediação e imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. *Campos: Revista de Antropologia*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 145-164, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3059yjb>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; PINHEIRO, Amanda Costa. O dia do “evangélico”: estratégias e disputas para a visibilidade pública de religiões evangélicas. *Mediações*, Londrina, v. 24, n. 1, p. 335-354, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3mSmLp6>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3hUDaWA>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. 13, n. 1, p. 7-16, 2009, p. 7-16. Disponível em: <https://bit.ly/3j1ZCym>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- MONTERO, Paula. Religião, laicidade e secularismo: um debate contemporâneo à luz do caso brasileiro. *Cultura y Religión*, Iquique, v. 7, n. 2, p. 13-31, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/32WIwfl>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- PRC. Religião na América Latina: mudança generalizada em uma região historicamente católica. *Pew Research Center*, 13 de novembro de 2014. Disponível em: <https://pewrsr.ch/2YdqFeL>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo 2010. *Anuac*, Cagliari, v. 1, n. 2, p. 87-96, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/36b6Zjz>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música: questões de uma Antropologia Sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/32ZCw5I>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- ROSA, Daiana Nunes da. *Na Igreja e na política: a atuação de deputados evangélicos na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP)*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento), UNESPAR, Campo Mourão, 2019.
- ROSAS, Nina. “Dominação” evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono. *Contemporânea*, São Carlos, v. 5, n. 1, p. 235-258, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3cvxEsw>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SANT'ANA, Raquel. O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 210-231, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3crZyFL>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 77-95, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3i2tgC8>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Recebido em 16-01-2020.

Aprovado em 25-09-2020.